



Artigos/Articles

O Movimento afro-alemão e o protagonismo das mulheres negras contra sua Invisibilidade na Alemanha

Cleydia Regina Esteves¹

RESUMO

O encontro da “*artevista*” (gostaríamos de assim designar essas mulheres) Audre Lorde com mulheres negras alemãs e aquelas oriundas da diáspora africana na Alemanha resultou em um rico legado de construção de um movimento de resistência pela igualdade racial e de gênero. À construção do pensamento crítico dentro da academia, correspondeu uma consistente intervenção artística polissêmica (fluida, informacional, contingente, relacional, plural) que engendrou uma nova configuração de atuação social e política na esfera pública. Suas obras corporificam-se em textos, sons, atos, artefatos conjugados em trabalhos que transpassam fronteiras criativas, linguagens, campos semânticos e estéticos. Elas reivindicam, neste sentido, uma amálgama entre episteme e ontologia oriundas da transculturalidade, colocando desafios à interdisciplinaridade, que é justamente compreender esta multifacetada combinação de elementos representativos e estéticos. Esses atos performativos permitem um “apagamento de fronteiras” entre os campos artísticos e entre arte, política e tecnologia. Essas articulações de trato e de sentidos, implodem as designações do que é arte, do que é ser artista e ativista política. Sua referência principal foi o pensamento feminismo negro, oriundo sobretudo dos EUA, incluindo aí as obras de Audre Lorde, Angela Davis, Tony Morrison, Alice Walker, o arcabouço teórico-metodológico da interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw e bell hooks, entre outros, além de Franz Fanon e Du Bois.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada. <https://orcid.org/0000-0003-1411-0983>. Email: cleydia@letras.ufrj.br

- I **Palavras-Chave:** Feminismo afro-alemão, artevismo, agência, literatura.

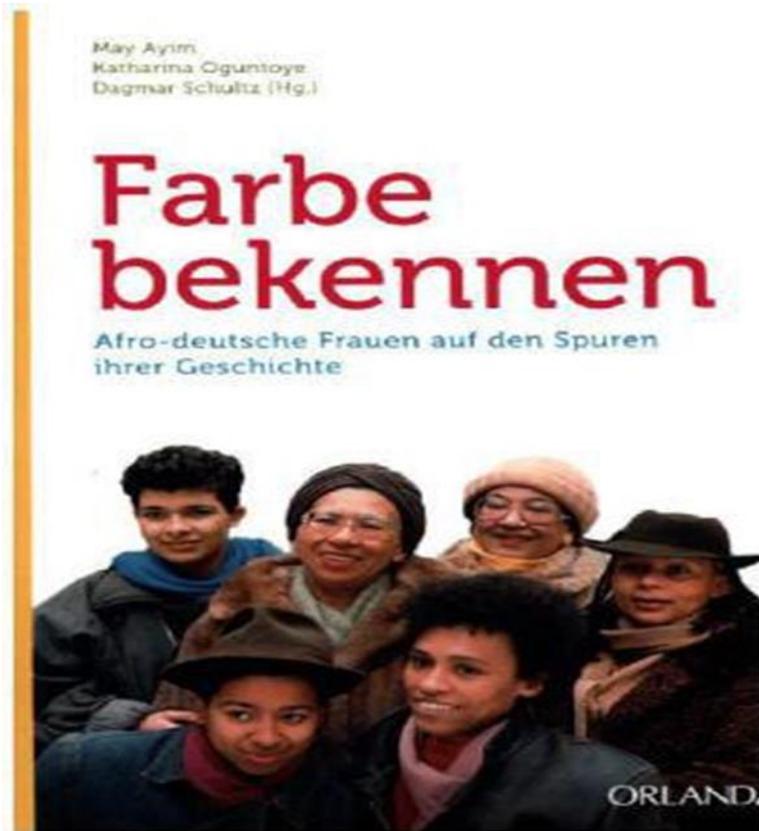
ABSTRACT

The meeting of the "artevista" (we would like to describe these women that) Audre Lorde with black German women and those from the African diaspora in Germany resulted in a rich legacy of building a resistance movement for racial and gender equality. The construction of critical thinking within academia was matched by a consistent polysemic artistic intervention (fluid, informational, contingent, relational, plural) that engendered a new configuration of social and political action in the public sphere. His works are embodied in texts, sounds, acts, artifacts combined in works that cross creative boundaries, languages, semantic and aesthetic fields. In this sense, they claim an amalgam between episteme and ontology stemming from transculturality, posing challenges to interdisciplinarity, which is precisely to understand this multifaceted combination of representative and aesthetic elements. These performative acts allow for a "blurring of boundaries" between artistic fields and between art, politics and technology. These articulations of treatment and meanings implode the designations of what art is, what it means to be an artist and a political activist. Her main reference was black feminist thought, mainly from the USA, including the works of Audre Lorde, Angela Davis, Tony Morrison, Alice Walker, the theoretical-methodological framework of intersectionality by Kimberlé Crenshaw and bell hooks, among others, as well as Franz Fanon and Du Bois.

- I **Keywords:** Afro-German feminism, artivismo, agency, literature.

Introdução

FIGURA 1. Mostra tuas cores: Mulheres afro-alemãs à procura da sua história².



FONTE: Editora Orlanda.

A história dos *Afro-deutsche*, isto é, a história dos negros na Alemanha e dos alemães negros, ao contrário do que se divulga, não começou com o Imperialismo Europeu/Colonialismo Alemão no século XIX, não começou com a Primeira Guerra Mundial e os soldados africanos do exército francês, não começou com a Segunda Guerra Mundial e os soldados negros norte-americanos. Esta narrativa foi “normalizada” por uma certa interpretação da história contemporânea alemã, que mais oculta do que releva sobre o imperialismo e o colonialismo alemães. De acordo com muitos estudos recentes, entre os quais o livro clássico *Farbe bekennen. Afro-deutsche Frauen auf den Spuren ihrer Geschichte*³, a presença de pessoas negras no território que

² Tradução de *Farbe bekennen. Afro-deutsche Frauen auf den Spuren ihrer Geschichte*.

³ Este livro teve sua primeira edição em 1986 e outras duas em 2006 e 2020 na Alemanha; uma tradução em inglês, em 1992 nos EUA e infelizmente permanece sem edição em português.

atualmente se denomina Alemanha está documentada desde, pelo menos, a Idade Média. Essa história e essa presença que marcaram caminhos que transcendem fronteiras geográficas, temporais, étnicas, nacionais e institucionais, é invisibilizada pelas mais diferentes instâncias da sociedade alemã, a ponto de a afirmação da agência desses sujeitos, na articulação entre seus eus políticos e ideológicos ter sido fruto de um movimento intencional, embora descontínuo, para que seu reconhecimento como cidadãos de plenos direitos fosse legitimado pelo Estado alemão. A “história oficial” narrada na Alemanha sempre buscou relacionar a existência dos negros em sua sociedade, a partir daqueles acontecimentos históricos recentes e posteriores à constituição da sociedade alemã como uma “comunidade imaginada” (Anderson, 2008). O colonialismo alemão é um assunto “tabu” nesse contexto e como tal, muito pouco mencionado ou mesmo estudado pelos acadêmicos e nas escolas. O aniquilamento de povos e culturas africanas nos espaços dominados pelos alemães na África é subsumido pela “brevidade” institucional de sua existência no inconsciente coletivo alemão. A respeito da “Questão Colonial” na Alemanha cabe a seguinte observação:

Somente a partir de meados dos anos 1990 é que os estudos pós-coloniais encontraram terreno nas discussões da Germanística dos países de língua alemã. A origem desse atraso reside no fato de que, durante muito tempo, a importância do colonialismo foi negligenciada em toda a Alemanha. Em razão disso, as perspectivas pós-coloniais podem conectar-se aos trabalhos preliminares de outras críticas ao cânone, em especial às feministas, que transformaram o próprio conceito de cânone: o processo de canonização não é mais visto como um desenvolvimento relativamente orgânico – no qual textos relevantes são colecionados por seu valor estético e pedagógico –, mas sim como uma abordagem interpretativa da tradição. (Geier, 2019, n.p.)

2. Constituição do corpus analítico

FIGURA 2. Narrativas e Memória Social: Novas Subjetividades Alemãs.



FONTE: editoras das edições

Este trabalho é fruto de pesquisa que realizamos no âmbito do curso de doutorado no PIPGLA/UFRJ. Assim ele é, de certa forma, a continuidade dos trabalhos que apresentamos nos últimos Congressos da ABEG (Associação Brasileira de Estudos Germanísticos) em 2019 e 2021. Nessas ocasiões se procurou identificar a temática e situá-la no contexto dos Estudos Culturais, a partir da poesia de May Ayim, da obra de Audre Lorde e da pós-colonialidade de Gayatri Spivak. O sentido era identificar, de forma ainda aproximativa, o contexto histórico, teórico e “posicional” do movimento negro alemão nos últimos trinta anos. Naquele momento, ficou claro o protagonismo das mulheres negras alemãs e na Alemanha nesse processo e a maneira diversa com que construíram suas reivindicações frente ao racismo epistêmico, institucional e estrutural da sociedade alemã.

Por meio de pesquisa bibliográfica, de material audiovisual e consulta a sites disponibilizados na internet, onde temos acesso a variados registros informacionais, buscamos coletar dados relevantes que nos auxiliam a delimitar, descrever e compreender a formação deste campo analítico que já é consolidado na Europa, Estados Unidos e no Brasil vem se constituindo nos últimos anos. Pretendemos com esta pesquisa, identificar como um movimento político de

resistência e afirmação, de um grupo social no contexto da sociedade alemã vem ganhando legitimidade. E neste sentido, referendando suas ações por meio da constituição de um corpus analítico que se constituiu sobretudo fora da academia na Alemanha e ganhou repercussão notadamente no espaço público, com ações políticas, estéticas e reivindicativas expressivas.

Atualmente podemos dizer que estamos diante de uma quarta geração de artevistas que, se continuam e reforçam as reivindicações e posicionalidades das gerações anteriores, o fazem em um contexto social, comunicativo e estético bastante mais dinâmico e tecnológico. No entanto, é necessário fazermos uma observação acerca do processo investigativo, do qual este trabalho é fruto. Primeiro ressaltar a dificuldade com as fontes no Brasil. Não encontramos, até agora, trabalhos similares ao nosso realizados por pesquisadores e estudantes brasileiros. Quase a totalidade das nossas fontes vem de estudos realizados no exterior, notadamente da Europa e dos EUA.

Se do ponto de vista acadêmico, as fontes de pesquisa no Brasil são raras, a presença e a divulgação dessa produção artística-literária são igualmente escassas por aqui. Parece que o foco das instituições que promovem a língua e a cultura alemãs no Brasil, ainda é predominantemente na compra e na divulgação do cânone literário e dos clássicos, seja no original alemão, seja nas traduções em português.

Assim sendo, nossa pesquisa foi realizada sobretudo por meio da internet e dos meios de comunicação digital. O que por seu lado, demonstra outro aspecto deste fenômeno, que é a difusão, publicação e afirmação pelas mídias digitais. Um dos desafios a enfrentar com essa pesquisa será coligir um acervo de referência bibliográfica, sua leitura e interpretação, dado que publicados em sua quase totalidade, em inglês e alemão. Em função de escolhas teóricas e posicionais nossas, nosso *part-pris* metodológico vai buscar a intersecção entre os diferentes feminismos afrodiaspóricos para elucidar as maneiras pelas quais, o protagonismo das mulheres negras da/na Alemanha foi fundamental para o desenvolvimento do movimento negro alemão. Quase a totalidade do pensamento e das obras das feministas negras alemãs não é conhecida no Brasil. O trato de sentidos comuns e o diálogo se dá mais entre essas e as feministas negras norte-americanas. Tal intercâmbio situa-se no campo de análise crítica nomeada na língua inglesa como *Black German Studies*, que vem se formando há algumas décadas, especialmente após a reunificação alemã em 1989 -- *Die Wende*. Fazem parte desse campo professores, investigadores, artistas, escritores e ativistas interessados na *Afro-German experience*, ou seja, nos sujeitos da diáspora africana e alemães negros engajados na afirmação da identidade cultural alemã.

Por sua vez, a relação entre teoria e empiria nos EUA, na Alemanha e no Brasil tem diferentes remetimentos de análise, quando não mesmo de conteúdo. Gostaríamos de ampliar as fontes de consulta e análise com entrevistas, visitas aos locais associativos, trabalhos de campo no espaço urbano mesmo onde essas agências são exercidas, estimuladas e reproduzidas pelas diferentes gerações de ativistas.

Nossa fonte de pesquisa serão os desdobramentos práticos e simbólicos dessas ações informadas e o resultado material dessas reivindicações: a produção intelectual (livros, artigos, entrevistas, entre outros), o associativismo civil e social decorrente da sua constituição enquanto grupos de conscientização (por exemplo associações comunitárias, artísticas, Ongs, etc.) e a produção artística (filmes, documentários, exposições, performances) oriunda do apelo estético gerado por sua conscientização existencial enquanto sujeitos do desejo.

Outro propósito de nosso trabalho é verificar a hipótese de como a Alemanha se aproximou do Brasil nas últimas décadas, a partir de uma produção literária, estética e crítica que evoca vivências subalternizadas e a construção de suas agências contra a invisibilização de sua existência naquele país.

A questão fundamental a se ressaltar aqui é a sua invisibilidade nos meios culturais e sociais alemães, mesmo com a ampliação dos seus representantes nesses espaços de legitimação política e pública e com a maior produção estética desses atores. É também intenção desse trabalho chamar a atenção para essa produção artística e cultural dos alemães negros nos estudos interculturais realizados no Brasil sob a temática germanística. Há uma Alemanha mais diversa étnica e culturalmente que precisa se refletir nos estudos de língua e cultura alemã no Brasil. Inclusive, ao nosso ver, este reconhecimento ajudará bastante na identificação e na familiaridade com o ensino aprendizagem do alemão pelos estudantes brasileiros.

Há, nos estudos germanísticos no Brasil, uma ausência, um vazio sobre a história e a cultura da população negra na Alemanha. Assume-se a narrativa da homogeneidade cultural alemã como discurso absoluto e imutável. Urge repararmos esse equívoco, nas suas mais diversas manifestações históricas, culturais, estéticas, literárias e sociais. É importante resgatar este universo diverso que a Alemanha manifesta, sobretudo atualmente, e relacioná-lo, numa perspectiva comparativa, às condições históricas e sociais que temos no Brasil. Estamos perdendo qualidade analítica, profundidade temática e diversidade de abordagens ao ignorar a pluralidade étnica, cultural e social da cultura alemã.

Quanto aos aspectos teóricos-metodológicos do nosso trabalho, começamos citando um parágrafo de Achilles Mbembe, que compõe o artigo nomeado por ele “Carta aos Alemães” (*Tageszeitung*, 2020, s/p.):

Compreender a genealogia de uma obra e suas eventuais contradições exige saber em que contexto ela nasceu e se desenvolveu, quais são as questões às quais ela tenta responder e em que idioma, em que grandes debates ela se insere e quais foram seus pontos de vista de virada. Isso vale para todo produto do espírito, pouco importando a região do mundo de onde ele vem, ou a língua em que adquiriu forma.”

Gostaríamos de nos situar (Haraway, 2009) diante da escolha do nosso objeto de estudo. Demo-nos conta que realizamos uma inversão nos fatores de investigação da ciência moderna em que, como pesquisadora e estudiosa do Sul Global, nos pusemos como sujeito de conhecimento para analisar um objeto, um fenômeno da sociedade alemã contemporânea, que tem lugar no Norte Global. Isto não é novidade para o campo dos estudos pós-coloniais ou decoloniais e suas implicações.

Sendo assim, buscamos trabalhar este objeto de pesquisa por meio de autores que fazem a crítica ao cânone ocidental na sua insuficiência para dar conta de determinados fenômenos que ele mesmo, se não criou, ajudou a constituir. Defendemos também a nossa liberdade enquanto pesquisadora, de instituir o suporte teórico-metodológico a partir da interdisciplinaridade de onde viemos. O recorte disciplinar estrito tem se revelado insuficiente para dar conta da complexidade das sociedades do capitalismo tardio. São muito claras as implicações desta perspectiva a partir da Linguística Aplicada, como demonstra o livro *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*, organizado pelo professor Luiz Paulo da Moita Lopes e outros nessa linha de pesquisa. Nele vários autores desse campo, nos aproximam de outros vieses analíticos, metodologias, categorias e conceitos que enriquecem o debate de ideias, trazendo inovações às interpretações acadêmicas acerca do fenômeno das linguagens no mundo contemporâneo.

Quando se analisa ou se tenta compreender o movimento negro alemão, percebe-se os remetimentos espaciais nas atividades predominantemente urbanas, como em metrópoles como Berlim; a configuração de grupos de pertencimento relacionados à diáspora africana, os problemas relacionados à exclusão social; às questões de identidade, nacionalidade e cidadania. Quando se olha as diferentes gerações que atuaram e atuam na garantia dos seus direitos como cidadãos de pleno direito, reconhece-se as condicionantes temporais de contextos históricos específicos da sociedade alemã nos séculos XIX e XX.

Por outro lado, as próprias características com as quais se reveste a produção estética-literária (fluida, informacional, contingente, relacional, plural) coloca desafios à interdisciplinaridade, que é justamente compreender esta multifacetada combinação de elementos representativos e estéticos.

O que queremos explicitar aqui é que a forma como se articula e se apresenta a arte contemporânea, especialmente em sua relação com as tecnologias de informação e comunicação, permite um “apagamento de fronteiras” entre os campos artísticos e entre arte, política e tecnologia. Essas *tessituras corpomentais*, implodem as designações do que é arte, do que é ser artista e da denominada arte engajada. Aqui é preciso mais diálogo teórico e de compreensão analítica com o campo das Mídias Digitais.

Para exemplificar o que estamos refletindo, surge a questão de como denominar alguém que escreve ensaios, ficção, textos acadêmicos, mas também faz filmes documentários, curtas, exposições, obras de arte, instalação, performances. E quando esses arte(fatos) se articulam e produzem outros elementos, outros objetos, outras representações? É o caso por exemplo de Grada Kilomba, mais conhecida no Brasil, mas também de Tupoka Ogette, Natasha Kelly, Sharon Otoo, Noah Sow, Stefanie Lahia-Okongo e outras mulheres que estão à frente deste processo. E quando é o próprio corpo que porta a mensagem? (Martins, 2022)

Embora o movimento seja aberto a várias possibilidades de atuação, algumas se focam em atividades específicas, como é o caso da literatura; por exemplo Sharon Otoo. Até porque as condições reais de reprodução da vida cotidiana podem limitar a sua liberdade de escolha, em termos de ganhos econômicos com o que fazem, de reconhecimento de suas obras, de condições familiares, existenciais, sociais. E suas escolhas profissionais e políticas, para além de seus próprios corpos negros podem encontrar barreiras institucionais que limitam ou mesmo impedem seus trabalhos e/ou a realização de suas obras.

E a saída é se unir a outras pessoas com desejos parecidos para pôr em prática, ideias próprias que combinam trabalho, arte e ativismo. É o caso das Ongs, dos Blogs, dos ateliês artísticos, dos grupos de atuação, entre outros formatos de associação, que tem sobretudo, nas mídias digitais, seu canal privilegiado de exposição/atuação. Neste sentido, a vida passa a ser o movimento da arte enquanto possibilidade política: a Interseccionalidade é a palavra-chave, BiPoC e FLINTA seus acrônimos principais. A revista online RosaMag, nascida em 2021, exemplifica bastante essa questão.

FIGURA 3: Ilustração com afro-alemães.



Fonte: Revista RosaMag.

3.Contextualização histórica

Observa-se que este movimento foi protagonizado, em sua maioria, por mulheres negras (em sua segunda e decisiva geração) e construído de maneira informada, intelectual, propositiva no meio acadêmico (inicialmente), cultural e urbano no final dos anos 80 do século XX. Suas referências foram o arcabouço teórico-metodológico do feminismo negro, oriundo sobretudo dos EUA, incluindo aí a obra de Franz Fanon e Du Bois. Essas mulheres constituíram seus percursos utilizando a poesia, a literatura, as artes, a história, entre outros campos das Humanidades, como forma de resistência em contextos de preconceitos raciais, disputas de narrativas e afirmação de suas existências e corporeidade no conjunto da sociedade alemã.

Naquele período, o debate sobre *Leitkultur* e *Multikulturalismus*⁴ (Ohlert, 2014) pautou as discussões sobre Identidade, Pertencimento, Nação, Integração e Diferença nos meios intelectuais e políticos, nas mídias sociais e culturais alemãs. O Movimento Afro-alemão cresceu no bojo deste debate, trazendo para o protagonismo de suas ações, mulheres negras alemãs que, por meio das

⁴ Tradução: Cultura dominante e Multiculturalismo.

artes, da academia e da intervenção na esfera pública, ressaltaram a afirmação da agência desses sujeitos, na articulação de seus eus políticos e estéticos.

Nascidas na Alemanha do pós-segunda guerra mundial ou tendo imigrado com seus pais (geralmente um progenitor sendo da diáspora e outro, alemão residente), puderam experimentar em suas vidas as tensões existenciais entre ciência e ideologia, entre ética e etnia, entre amor e não amor, entre branco e negro, entre homem e mulher ou questões vinculadas à orientação sexual, uma vez que há uma grande presença de pessoas homossexuais nesses movimentos.

Seus trabalhos engendrados no processo de construção de sua *Selbstbewusstsein*⁵, são frutos da negação da negação, da invenção da existência enquanto resistência do apagamento do seu ser como alemãs negras. À rejeição materna (mães alemãs, na maioria das vezes), à rejeição social, à rejeição epistêmica de suas vozes na academia, elas responderam com suas ações atravessadoras. Elas mexeram com os limites, tensionaram seus contornos estabelecidos, cruzaram fronteiras de raça, de gênero e de linguagem. Seus corpos eram o traço marcante deste não-lugar na sociedade alemã.

Criando novas palavras (decupando seus significados), quebrando o ritmo da prosódia, confrontando o aceito, elas reivindicavam sua existência não normativa. Elas cruzaram fronteiras étnicas, nacionais, identitárias para celebrar a fluidez das suas corporeidades em um campo de tensão semiótico.

À desrealização que o outro (a sociedade alemã) fazia de suas existências, negando suas histórias, tentando abafar suas vozes, anulando suas diferenças pela absolutização do “igual”, retirando-as do con(texto) alemão, elas responderam com a afirmação da diversidade, com o questionamento do adquirido, com poesia, enfim, na *Land der Denker und Dichter* (“no país/na terra dos poetas e pensadores”).

Em 1984, na Universidade Livre de Berlim, a poeta afro-americana Audre Lorde perguntou a suas alunas negras, alemãs, sobre suas identidades. As mulheres revelaram que não tinham um termo comum para se descreverem e até então não tinham como identificar seus interesses e preocupações comuns. Então, a partir deste seminário surgiram os termos *Afro-Deutsche* ou *Black German* e a publicação do livro *Farbe bekennen*, em 1986. A obra lançou um movimento que, desde então, catalisou ativismo social e estudos acadêmicos na Alemanha. Nomes como de May Ayim, Katharina Oguntoye e Dagmar Schultz (esta última alemã branca) passaram a ser conhecidos. Escrutinar como essas mulheres constituíram-se em sujeitos de sua história, ao mesmo tempo em que reconstruíram a história dos negros na Alemanha, é um movimento de duplo

⁵ Tradução: Autoconfiança.

sentido; tanto em relação ao passado, quanto ao futuro (Sankofa), tendo aquele presente se in(corpo)rado no prolongamento entre aquelas duas temporalidades.

O encontro da “artevista” Audre Lorde com mulheres negras alemãs e aquelas oriundas da diáspora africana na Alemanha resultou, mais de 30 anos depois, em um rico legado de construção de um movimento de resistência pela justiça social, a igualdade racial e de gênero, no combate à supremacia branca global, bem como a outras formas de discriminação. (*Afroeurpean*, 2019).

Minha raiva de mulher negra é um lago de lava dentro de mim, é o segredo que guardei de modo mais intenso. Eu sei o quanto da minha vida como mulher que se sente poderosa está conectado a essa rede de fúria. Ela é um fio elétrico entremeadado em cada tapeçaria emocional sobre a qual eu coloco o que há de essencial na minha vida – uma fonte quente e borbulhante capaz de entrar em erupção a qualquer momento, irrompendo da minha consciência como um incêndio na paisagem. Adestrar essa raiva com precisão em vez de negar sua existência tem sido uma das tarefas mais importantes da minha vida. (LORDE, 2021:186)

80. **FIGURA 4:** Audre Lorde ladeada por Katharina Oguntoye e May Ayim nos anos



Fonte: Disponível em <https://www.place2be.berlin/queer-history/audre-lorde-katharina-oguntoye-und-may-ayim-lesbische-und-feministische-kampfe-schwarzer-frauen-in-berlin/> , acesso em 02/04/2024.

Aqui cabe uma observação acerca das, para dizer o mínimo, controversas nomeações feitas na Alemanha, para apresentar a literatura feita por escritores que nasceram no exterior, ou tem raízes estrangeiras e que originalmente tem como língua materna um idioma diferente do alemão, porém tendo produzido suas obras no interior da cultura alemã. *Migrantenliteratur*, *Gastarbeiterliteratur* ou literatura com *Migrationshintergrund*⁶. Essas denominações dizem pouco acerca de quem escreve e mais sobre a leitura de certos grupos no interior da cultura literária alemã. Acerca disso, em um artigo da *Deutsch Welle* de 2008 sobre literatura, afirma a pesquisadora alemã Heide Rösch:

Como a migração vem se tornando um fenômeno cada vez mais comum na Alemanha, é natural que isso se reflita na produção literária. "A literatura de migração trata, em primeira linha, de assuntos relacionados aos processos migratórios. Teoricamente, autores alemães (sem histórico de migração na família) também poderiam produzir este tipo de literatura. (RÖSCH, 2008, n.d)

Pode-se inclusive falar num novo gênero literário intercultural, criado pelos migrantes. "Acima de tudo é o texto que migra, não necessariamente o autor", Rösch defende que o conceito "literatura de migração" tem, na Alemanha, uma história relativamente curta. As primeiras levadas de escritores com "background migratório" no país surgiram ainda nos anos 1970, entre os chamados trabalhadores estrangeiros (*Gastarbeiter*). Ainda segundo Rösch (2018), "Esses autores trataram, do ponto de vista literário e de forma crítica, da situação em que viviam."

Estando já na terceira ou quarta geração de artevistas, o seu desenvolvimento proporcionou um ganho considerável de análise crítica dentro do campo do pensamento pós colonial na Alemanha. É necessário se conhecer, no Brasil, a obra de autores como Peggy Piesche, Fatima El Tayeb, Maureen Maisha Eggers, Yara-Colette Lemke Muniz de Faria e Patrice G. Poutrus, Jeanette Sumalgy, entre outros. Atualmente podemos dizer que estamos diante de uma nova geração de artevistas que, se continuam e reforçam as reivindicações e posicionalidades das gerações anteriores, o fazem em um contexto social, comunicativo e estético bastante mais dinâmico e tecnológico, como é, por exemplo, o caso de Noah Show, Tupoka Ogette, Natasha Kelly, Ciani-Sophia Hoeder e Philipp Khabo Koepsell.

À construção do pensamento crítico dentro da academia, correspondeu no espaço público, uma consistente intervenção artística polissêmica que engendrou uma nova configuração de atuação social e política na esfera pública.

⁶ Traduções: Literatura de migração, literatura dos trabalhadores estrangeiros, literatura com base migratória (ou com background migratório).

Seu pensamento corporifica-se em textos, sons, atos, artefatos conjugados em obras que transpassam fronteiras criativas, linguagens, campos semânticos e estéticos. Elas reivindicam, neste sentido, uma amálgama entre episteme e ontologia oriundas do contato entre as culturas africanas, ameríndias e europeias.

4. Conclusões

Creemos que a relevância deste estudo é significativa, não somente por ter pouco conhecimento entre nós, no Brasil de modo geral, mas também pelas possibilidades profícuas de construção de estudos comparados entre Brasil e Alemanha, acerca da epopeia africana na Modernidade Ocidental, que embora feita sob o domínio colonial, branco e masculino, soube se reinventar e causar o Outro, desconstruindo e ressignificando os marcos desta relação desigual.

Perguntas se colocaram da escrita deste texto, como quantos autores afro-alemães são abordados em resenhas literárias de jornais e revistas brasileiros? Quantos livros de autores afro-alemães fazem parte das bibliotecas mais importantes do país? Quantos livros de poesia, romance, prosa de autores afro-alemães estão traduzidos para o português? Fora do cânone literário alemão, o que se oferece de literatura alemã no Brasil? O que se sabe sobre os últimos 30 anos de literatura contemporânea alemã no país? Essas são algumas das questões que desejamos ensejar no campo da germanística no Brasil. É importante ressaltar aqui que o que entendemos sob esta última denominação, difere daquela existente na Alemanha. *Germanistik* denota-se por uma filiação tradicional à Filologia, enquanto interpretamos a germanística como um processo de construção da língua e cultura germânicas no contexto brasileiro.

Durante o nosso processo de pesquisa, pudemos verificar que a produção acadêmica sobre este assunto no Brasil é rara; somente nos últimos anos temos visto alguns trabalhos de pós-graduação (dissertações e teses) a respeito da produção literária dos *Afro-deutsche* no Brasil, ligados aos programas de tradução. Devido a isso, nossas fontes de consulta são quase a totalidade, estrangeiras. Realizadas especialmente nos EUA e na Europa (Alemanha), onde já há uma produção consolidada sobre o assunto. Portanto, não pudemos realizar, ao menos no Brasil, o “estado da arte” ou antes, ele é inexpressivo. Quanto à produção acadêmica norte-americana, há vários centros de pesquisa, de pós-graduação com publicação de livros, artigos, teses e dissertações sobre o assunto, além de encontros, seminários e palestras que abordam essas questões. Há um trânsito bastante relevante entre acadêmicos, intelectuais e professores negros em ambos os lados do Atlântico Norte. Creemos que Audre Lorde foi um marco nesse processo, dada sua importância para a construção deste diálogo e intercâmbio de ideias, posições e produção intelectual, estética

e política. É relevante também lembrar que Angela Davis esteve na DDR (Deutsche Demokratische Republik) nos anos 70. Ambas teóricas feministas importantes, de origem afro-americana.

Referências

AFROEUROPEANS. Black In/Visibilities contested, 2019. Disponível em <https://afro europeans2019.wixsite.com/afro europeans2019>, acesso em 15/11/21.

Boell Stiftung, Dossier Schwarze Community in Deutschland. Disponível em <https://heimatkunde.boell.de/dossier-schwarze-community-deutschland>, acesso em 20/11/21.

ARGHAVAN, Mahmoud; HIRSCHFELDER, Nicole; KOPP, Luven; MOTYL, Katharina (eds.) Who can speak and who is heard/hurt? Bielefeld. Transcript Verlag, 2019.

ELIAS, Norbert. Os Alemães. A Luta pelo Poder e a Evolução do Habitus nos Séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1997.

GEIER, Andrea Geier. Crítica ao Cânone sob uma Perspectiva Pós-Colonial, A África Escura, Goethe.de. Disponível em <https://www.goethe.de/prj/lat/pt/dis/21784873.html>, acesso em 20/11/21.

GILROY, Paul. O Atlântico Negro, São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. Intersektionalität, Gunda-Werner-Institut für Feminismus und Geschlechterdemokratie. Disponível em <https://www.gwi-boell.de/de/intersektionalitaet>, acesso em 14/11/21.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 6 abr. 2024.

KOEPSSELL, Philipp Khabo. Literatura Negra Alemã. Pátria, Identidade e Racismo. 2019, Goethe.de. Disponível em <https://www.goethe.de/ins/pt/pt/kul/sup/lit/21736571.html>, acesso em 22/11/21.

KRON, Stefanie. Afrikanische Diaspora und Literatur Schwarzer Frauen in Deutschland, 2009. Boell Stiftung. Disponível em <https://heimatkunde.boell.de/de/2009/02/18/afrikanische-diaspora-und-literatur-schwarzer-frauen-deutschland>, acesso em 21/11/21.

JESUS, Jessica Flávia Oliveira de. May Ayim e a tradução de poesia afrodiaspórica alemã. 2018 Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade de Santa Catarina, Santa Catarina, 2018. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/193845?show=full>. Acesso em: 20/05/2019.

LORDE, Irmã outsider, Rio de Janeiro: Editora Autêntica, 2021.

OGUNTOYE, Katharina. Ayim, May e Schultz, Dagmar. Farbe bekennen: Afro-deutsche Frauen auf den Spuren ihrer Geschichte. Berlin: Orlanda Buchverlag, 2021.

MARTINS, Catarina C. Gegen den deutschen Spiegel schreiben. Selbstbilder Schwarzer Frauen in Deutschland. HORFF, Dagmar von et alii (eds.). in Einschnitte, Signaturen der Gewalt in textorientiert Medien. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2016.

_____, Catarina C. "Kann die Kehrseite der Geschichte überhaupt erzählt werden? Strategien Schwarzer deutscher Frauen, (sich in) die Geschichte (ein) zu schreiben" in Laura Auteri et al (org.), *Jahrbuch für Interkulturelle Germanistik. Akten des XIV. Kongresses der Internationalen Vereinigung für Germanistik (IVG) Bd.9 "Wege der Germanistik in transkulturellen Perspektiven"*. Berlin: Peter Lang, 2014.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar. Poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021.

MBEMBE, Achilles. Vivendo nos Mitos dos Outros, Carta aos Alemães. Goethe.de, 2020. Disponível em <https://www.goethe.de/prj/lat/pt/dis/21864261.html>, acesso em 20/11/21.

MOITA LOPES, L.P (org). Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

POLIAKOV, Leon. O Mito Ariano. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974.

SOW, Noah. Deutschland Schwarz Weiss. Nordstedt: BoD-Books on Demand Verlag, 2018.

SOW, Noah und Victoria B. Robinson. Wie Rassismus aus Wörtern spricht: (K)Erben des Kolonialismus im Wissensarchiv deutsche Sprache. Ein kritisches Nachschlagewerk. Unrast Verlag, 2016.